

Os sonhos de Sarney passam pelo Maranhão

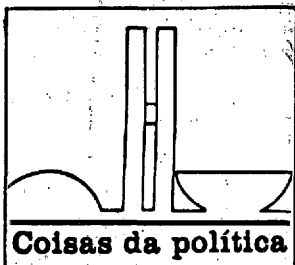
NOS regimes democráticos, os Presidentes da República sonham. Quase sempre sonhos bons, que dão certo. Assim, não deve ser recebida com surpresa a revelação feita pelo próprio Presidente José Sarney, aos seus últimos interlocutores, de que o

seu grande sonho — além, naturalmente, da colocação da economia brasileira nos trilhos da sensatez — é o de ajustar coligações que preservem a unidade da Aliança Democrática, ameaçada, segundo governadores do PFL, pelas eleições de prefeito das capitais, em novembro próximo.

Muitos dirão que o sonho do Presidente é, de certa forma, mirabolante, pelas reais dificuldades que cercam a sua materialização. A unidade da grande frente interpartidária que garantiu à eleição da chapa Tancredo-Sarney, implodindo de vez o então cambaleante sistema militar de poder, começou a se fragmentar, lentamente, no Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia e Alagoas. Está por um fio em Pernambuco; dificilmente se sustentará no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; e deverá ruir, com um forte estrondo, no Rio de Janeiro, onde nenhuma força do mundo conseguirá reunir os interesses remanescentes da política chaguista — bem visíveis ainda no PMDB — com os anseios de renovação e mudança que animam no PFL os seguidores do Presidente da Petrobrás, Hélio Beltrão, e dos Deputados Rubem Medina, Álvaro Valle, Léo Simões, Simão Sessim, Lázaro de Carvalho, Neldon Sabrá, Luís Antônio e Herculano Carneiro, entre outros.

No Centro-Oeste não é diferente o quadro de dificuldades que presidirá dentro da Aliança Democrática a luta pelas prefeituras das capitais. Há, na verdade, numa análise fria da situação, Estado por Estado, pouca coisa a negociar entre PMDB e PFL. Como partido organizado nas duras trincheiras da Oposição, o PMDB não vai querer ceder ao PFL grandes posições. O Partido da Frente Liberal, por sua vez, se se mostrar temeroso nessa *avant-première* de temporada eleitoral, dificilmente emplacará 1986. Onde perdeu as eleições de Governador, em 1982, o PMDB fez maioria de votos nas capitais, à exceção do Rio de Janeiro, Aracaju e São Luís. É natural, pois, que as lideranças pemedebistas do Nordeste, sem nenhum poder local, sonhem, agora, com a possibilidade de conquista de bases políticas da maior expressão, como todos sabem que são as prefeituras das capitais.

O sonho de conciliação alimentado pelo Presidente José Sarney, apesar de tantos interesses conflitantes



que ameaçam corroer os alicerces da Aliança Democrática, será realidade, pelo menos, para conforto do Presidente, no Maranhão, seu Estado natal. Realidade que já está sendo construída graças ao alto sentido de compreensão política e de desambição pessoal dos pemedebistas maranhenses que o Ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, capitaneia.

Num momento difícil para a montagem da Aliança Democrática, quando teve de aceitar a indicação, quase imposição, de Sarney, para seu Vice, Tancredo procurou Archer e lhe fez um apelo patético, logo depois reforçado por Ulysses: aceitar, com tranqüilidade uma fórmula que tanto lhe desagradava, pelo bem do País. Archer, sensível sobretudo ao apelo de Ulysses, seu amigo pessoal, limitou-se a lavrar um protesto na reunião da Executiva Nacional pemedebista que examinava a candidatura do Vice de Tancredo, com um adendo: acataria, embora com sacrifícios, qualquer resolução partidária, se ela se destinasse, como aconteceu, a encurtar o longo ciclo de Governos autoritários.

Pois bem. Esse mesmo Archer, que vem se revelando um líder com incrível vocação para engolir sapos, vai mais uma vez dar ao País um grande exemplo de renúncia e desprendimento pessoal, para permitir que Sarney apresente o Maranhão como exemplo mais edificante de que as composições políticas, por mais traumáticas que tenham sido as relações entre os seus signatários, são possíveis, se houver, entre as partes, um pouco de boa vontade.

Sobre Archer, a história da Nova República precisa fazer, também, com a máxima urgência, uma correção necessária: como Roberto Gusmão (Indústria e Comércio), ele também encaminhou pedido de demissão, por escrito, a Sarney, dois dias depois da morte de Tancredo, para que o Presidente — e seu antigo adversário nas intensas lutas políticas maranhenses — pudesse dispor, pelo menos se assim o entendesse, do Ministério de Ciência e Tecnologia, para futuras composições políticas.

Mas, como a grande questão é saber se a Aliança Democrática vai continuar unida depois das eleições de novembro próximo, vale a pena, dentro dessa rápida análise da política maranhense, que hoje ganha os mais importantes contornos nacionais, destacar que a conciliação entre PFL e PMDB em torno da Prefeitura de São Luís já tem até nome: Jayme Santana, um aplicado deputado federal que frequenta o círculo mais fechado de amizades pessoais de Sarney. E que carrega uma herança importante, qual seja a de ser filho de uma raposa política do porte do ex-Governador Pedro Neiva de Santana, que ditou ordens e deu cartas de mão, por muito tempo, no Maranhão.

ROGÉRIO COELHO NETO,
Subeditor de Política do JORNAL DO BRASIL